

Museus*

Dionne Brand

Esse romance tem início em um museu. Um museu pequeno e branco, que, no século XVIII, foi sede do exército colonial britânico. É um prédio pequeno de dois pisos, de madeira e barulhento. Traz o cheiro das construções coloniais, papéis escritos à mão, já amarelados e embolorados, que fazem lembrar calças caqui de montaria, camisas de algodão das ilhas, pilhas de resmas de papel, duplicatas de carbono e os tinteiros. Isso faz lembrar a espera interminável. Chega-se ao pequeno e branco museu caminhando ou dirigindo pela íngreme ladeira partindo da cidade. No alto desse morro erguera-se, uma vez, um forte. Forte do Rei George. Construído pelo ano de 1783; tinha esse nome por causa de George III da Inglaterra. Avista-se o que um dia fora o prédio do regimento, a casa da cadeia, que se ergue em um dos lados da colina. Imagine prisioneiros dos séc. XVIII e XIX, “cozinhando” nessa prisão, no topo dessa cidade.

Do outro lado, da estrada estreita que conduz ao alto do morro, estendem-se graciosos flamboyants vermelhos em flor. Do topo da colina avista-se o mar, o oceano Atlântico, e há uma imensa brisa que arrefece a onda de calor. Dali se avista, também, toda a cidade. Profundos penhascos dão vista para o mar, para o porto e o perímetro da cidade. Se olhar bem, se os olhos pudessem alcançar toda a amplitude circular, seria possível ver o Atlântico e o mar do Caribe num molhado e azul encontro. Se vier aqui à noite, você surpreenderá amantes nus ou semidespidos, tocando-se apressadamente ou em perigoso langor, despojados contra os escuros e brilhantes penhascos do George III. À noite é fresco e uma brisa sopra na escuridão; durante o dia é quente e extremamente claro, à exceção do céu azul e das árvores escarlates - o melhor da torridez da estação seca.

* N. da T.: Texto apresentado, em teleconferência, por Dionne Brand, por ocasião do encerramento do **O XII Seminário Nacional e III Seminário Internacional Mulher e Literatura do GT Mulher e Literatura da ANPOLL**, realizado na Universidade Estadual de Santa Cruz. Trata-se de uma reflexão que autora faz acerca de seu livro “At the Full and Change of the Moon”, que conta a história de Marie Ursulle - uma escrava- e seus descendentes, dispersos pela América e velho mundo.

Esse livro começa em um pequeno museu de pedra, à esquerda dos penhascos. Quando se entra ali, percebe-se imediatamente o barulho do ventilador de teto, zumbindo em algum lugar no andar de cima. Um funcionário, educadamente, requisita cinco dólares TT [de Trinidad Tobago] e indica a entrada. No primeiro andar, há ossos, conchas, pedras, pequenas esculturas, flechas, amuletos quebrados dos primeiros povos que habitaram essa ilha. Surpreende-me que, no primeiro andar de toda as nossas consciências, de todas as nossas cogitações nas Américas, haja esses ossos, conchas, pedras, pequenas esculturas, flechas, amuletos quebrados dos primeiros povos que habitaram o novo mundo. As legendas no armário de vidro parecem inseguras quanto a datas, nomes; não há dinheiro suficiente para investigar detalhes, diz o curador. Para valorizar a exposição, o curador instalou um barco entalhado, da Guiana ou Suriname, do tipo dos usados por esses povos há dois ou três mil anos, para fazerem a viagem pelas águas até essas ilhas, vindos do continente sul americano. Esse romance já é sobre esquecimento. Muitos milênios foram consumidos na pequena sala abafada da exposição. Esses destroços de pedras quebradas, ossos, esculturas jogadas num vidro, sem classificação ou datação, é o que foi deixado de milhões de jornadas, de milhões de músicas, de milhões de atos cotidianos, de milhões de memórias, de que ninguém se lembra.

Nessa encosta, com sua ampla e suntuosa vista das águas negras brilhando na noite, seu eterno azul na luz do dia, essa tentativa vã do museu de memória é visitada por poucos. Embora seja possível ver tudo em questão de minutos, a culpa me faz querer parar por mais tempo diante do armário de vidro. O medo de desrespeitar algo tão antigo me faz demorar mais, mas, então, timidamente deixo a sala. De canto de olho vejo um vasilhame de vime usado para drenar o veneno da mandioca brava; Vejo um dardo cuja ponta deve ter sido envenenada com *woorara* [curare]. Faço uma anotação sem mesmo saber por que e me vou.

Mirar para além dos despojos do armário de vidro é olhar para além da história, tanto quanto estar repleto de história. Sair é escapar a isso; e nesse romance trata-se de escapar tanto quanto de sucumbir. Edouard Glissant, o crítico Martiniquense diz: a “história está destinada a ser prazer ou angústia... (ela) (como a literatura) é capaz de escavar fundo em nós, como uma consciência ou o vir à tona de uma consciência, como uma neurose (sintoma de perda) e a contração do ego”. Esse romance inicia no momento em que me dirigi à escadaria que dá acesso ao segundo andar. A escadaria range, antes

mesmo de meu peso quedar-se por completo sobre ela; range só de pensar em outro corpo pesando sobre si, questionando. O sentimento que levo comigo do armário de vidro até as escadas já está no romance - desconforto. Esse romance não vai respirar sobre esses ossos; se isso ocorrer, será breve como é breve a chuva na qual os *Caribs* desaparecem nesta segunda página deste escrito, será breve e, portanto, mítico. Aqueles ossos me avisam de que tudo isso eu construí depois, inventei na ausência.

Ao subir as escadarias para a outra sala do museu, onde esse romance começa, estou angustiada, no sentido de Glissant, e também curiosa, o que quer dizer prazer. As salas de cima tinham mapas, os trabalhos de cartógrafos do século XVIII, tornando-se mais e mais hábeis em esquecer com o passar do tempo, acertando cursos e distâncias, observações astronômicas feitas em terra, latitudes tomadas no mar, profundidade de bancos, portos e baías, posições de navios. Esses cartógrafos eram artistas e poetas. Eram sonhadores e visionários tanto quanto eu. Num mapa das Antilhas, ou Caribe, ou Ilhas Caribs com as Ilhas Virgem, feito por Louis de La Rochette, desenhado e publicado em 1784, há vários anjos, ou querubins, com os lábios franzidos, soprando os ventos leste sobre o Atlântico. Você deve se lembrar de que esse é um ponto de “A passagem do meio” [middle passage]. As pessoas se perdem aqui, afogadas; pessoas são vendidas, muito trabalho e desilusão; aqueles querubins, seus doces lábios franzidos, sopram ventos fortes. Apenas um artista poderia colocar ali um anjo. Maravilhosas rosas-dos-ventos adornam esses mapas, navios a toda vela; “*cartouches*” de soberanos, exploradores e receptivas jovens nativas.

Thomas Jefferys, geógrafo do Rei, George III, escreve, numa prosa estranhamente elegante, suas observações sobre essa ilha com seu pequeno museu e o armário de ossos:

“As correntes nas imediações de Tobago são muito fortes e imprevisíveis particularmente entre essa ilha e Trinidad. Na mudança da lua cheia, o mar sobe quatro pés perpendicularmente. Os ventos de nordeste sopram o ano inteiro. As figuras numéricas denotam o e/y da profundidade da água em braçadas; e, onde o e/y das âncoras são eSpressos, é bom ancoradouro. Man-o-War Bay, Courland, Sandy Point and King's Bay são para embarcações de grande porte. Tyrrel's Bay, Bloody Bay, Parlatuviens Bay em Englishman's Bay, Castara Bay e La Guira's Bay têm ancoradouros seguros para embarcações de até 150 tonéis. Halifax Bay é bastante seguro e

confortável, para navios com menos de 250 tonéis, mas há um banco de areia na e/y do meio da e/y de entrada; o que exige um bom piloto. Se você chega a Tobago à noitinha e tem receio de prosseguir viagem, não se deve de modo algum se dirigir à ilha, mas manter-se para e/y sul sob navegação lenta, caso contrário a corrente e/y que sempre se junta com E/y noroeste ou nordeste, provavelmente, ocasionará a sua perda de visão da ilha, e se ela se junta com a noroeste, provavelmente vai carregá-lo tão longe para e/y sotavento, de tal forma que você não terá condições de achar o rumo de novo. EmbarcaSsões navegando de e/y leste para e/y do lado sul de e/y da ilha, devem manter-se na direção sul, caso contrário a corrente Little Tobago, que corre sempre para e/y noroeste irá varrê-las para longe, para e/y noroeste. Na direção Sudoeste, não há nada a temer, até chegar a Courland Bay, mas o que se mostra, exceto Chesterfield rocks....”

Esse romance começa, mais seguramente, aqui nessa narrativa sublime. Estou aturdida à medida que leio os Ss pronunciados dobrados [típicos de um falante de língua presa]; estou fascinada por essa ironia não intencionada, estou amando a sua cadência, que movimento em ... “de modo que deve dirigir-se, mas manter-se sob lenta navegação”. Estou com inveja do modo como fala tão gentilmente ao ouvinte, tão seguro. Sua autoridade em apreender o que outros não podem apreender, o seu domínio da geografia dos oceanos - que desanimador! Que grandioso! Essa bela prosa disfarça, obstrui nossa visão da sua real direção, faz alusão, mascara. Mas indica, diz ali, onde se atracam os navios trazendo escravos para essa ilha. Diz que é possível fazer isso e ainda manter os dons da erudição ou da inteligência ainda mais jocosos. A linguagem é tão maravilhosa, tão enganadora. É por isso que 250 anos mais tarde tomei isso de sua pena, arranquei da parede do museu, piquei em pedacinhos - um pedaço para o título desse romance “At the full and change of the Moon”, e o resto dei a Kamena, que escapou ao trabalho escravo nas plantações em Mon Chagrin nesse romance e que, nesse romance, está procurando, procurando por Terre Bouillante, um *marron* [escravo fugitivo], que está procurando um lugar que não vai encontrar nunca. Ele, ao contrário, deve tomar Bola, a criança de uma mulher chamada Marie Ursule, uma mulher que no começo desse romance está prestes a cometer suicídio; ele deve pegar essa criança Bola e cuidar dela até que ela produza descendentes que habitarão nosso século. Ele nunca encontra o que procura e quer, isso o ilude, distrai, todas as suas direções levam-no a parte alguma. Suas observações são estranhas...

A busca interminável de Kamena, como a história confirmará, fútil e inevitável busca pela terra natal é o espelho das últimas gerações do livro - sua dispersão, suas andanças para os distantes e remotos cantos do mundo: Amsterdan, Nova York, Toronto; sua agitação e vôos ressoam nele e de volta nele. Isso é sua condição de viver. É o que eles dão a todas as cidades, habitam temporariamente, e outros lugares – pensando em algo de que não podem se lembrar, mas pensando com todas as forças. A jornada é o destino.

Uso as observações de Jeffrey não como ele fez: para mostrar o caminho para a escravidão, mas para fazer navegar meus personagens no final do século XX. O paradoxo extremado não me escapa, não posso desfazer as palavras de Jeffrey, que devem parecer simples indicações de direção para alguns; não posso desfazer a história; tampouco, o podem meus personagens. Quando perguntado: como no poema de Derek Walcott, “Onde estão seus monumentos, suas batalhas, seus mártires?/e sua memória tribal?”, meus personagens respondem como naquele poema: “Senhores,/naquela urna cinza. O mar, O mar/trancaram tudo”. Meus personagens apenas podem rasgar em pedaços, tanto a história quanto as observações de Jeffrey; podem apenas deliberadamente errar direções, e ler de outro jeito as observações. Podem tomar o norte pelo sul, o oeste pelo leste. Qualquer lugar em que vivam é remoto. Podem, no final, impugnar toda a teoria de direções. Eles habitam toda parte, no mais das vezes metrópoles da América do Norte e Europa. Suas vidas tomam qualquer direção, a qualquer momento.

Nesse museu, há arquivos, livros, listas, nomes dos escravos e sua idade, sexo e condições físicas. Esse romance começa com o monte de nomes que li. Olho cada lista de cima a baixo; tento pensar em alguém escrevendo essas listas. Teriam-nas escrito no começo da colheita, no fim, ou teriam mantido um registro corrido. Teriam tomado uma xícara de chá, antes de irem para o trabalho ou teriam parado ao meio dia e ido para casa tirar uma soneca e retornariam pensando que chateação era aquela papelada. Ou teria alguém escrito aqueles nomes com felicidade, com uma mesura de punho, congratulando-se pela boa condição e qualidade dos animais domésticos. Não pude parar de ler estas listas, imaginando as pessoas. Como May, menina, dez, doente, é? Ou Alfred, homem, vinte (interrogação), boa saúde? Não há ruínas de senzalas nessa ilha. Seus alojamentos eram tão precários, tão temporários que nada restou. Talvez isso seja bom. Esquecer é uma condição crucial para viver com alguma paz. Mas os registros

sobre “o que” e “como” estão na vida, nos nossos hábitos, gostos, nossos estilos - paladar para doce, a paixão por alimentos de amido, um repentino ódio pelos campos, um desejo por grandes cidades, uma necessidade insistente por cores fortes, belos sapatos, excessos de todo tipo, possamos ou não pagar por eles.

Exploro o museu para entender o que já está escrito nesse romance, o que já está escrito nesse romance, escrevendo-se. Exploro muitos museus. Nesses museus há sinais de saídas, de portas sem retorno. Em outro museu, em outra ilha, encontrei uma vestimenta de prisão do século XVIII usada por uma mulher, que fora escrava. Pende de um manequim de ferro numa sala fria e úmida no ventre de um outro forte do século XVIII. Está ressequida, mofada e, por um momento, pergunto: por que, por que mantiveram isso? uma vez que não parece haver razão para a recolha desses itens aqui, tachos de cobre, de vários tamanhos, usados para ferver açúcar, arreios, conchas ... Por que essa vestimenta? Uma vestimenta severa como deve ser em qualquer prisão, deve ter sido em qualquer século, sem dúvida, mas uma vestimenta como que esperando por esse romance para habitá-lo, dar-lhe vida. Escritores, bem sei, são seres tristes e egocêntricos, mas esse vestido estava esperando por mim, estava esperando pela ficção da minha Marie Ursule para habitá-la. Ao olhar para esse vestido, senti um tremor, uma determinação que eu nunca poderia ter, não poderia ser aquela mente privilegiada ou ter a convicção suficiente ou talvez a paixão suficiente de durar tantos séculos, para habitar um romance. A lembrança desse vestido chega numa noite com as memórias de V. S. Naipaul, *The Loss of Eldorado: a History*. Ali ele fala de uma mulher, Thisbe, que era uma escrava e a principal suspeita de uma mortandade em massa por envenenamento em uma plantação. Depois de ser julgada durante vários meses e ser torturada, ela foi sentenciada à morte. Foi enforcada; seu corpo mutilado e queimado e sua cabeça fincada em um mastro. No seu enforcamento, dizem que ela afirmou: “isso é um gole de água, comparado a tudo que já sofri”. Minha personagem, Marie Ursule, acorda na primeira manhã do romance indo ao encontro daquela severa vestimenta mofada de prisão e aquelas palavras que Naipaul tomou da história e que recebo dele, com gratidão. E o romance começa: “Marie Ursule acordou naquela manhã, sabendo que manhã era aquela e que devia ser sua última”.

Esse romance inicia com as memórias de Padre Labat, um francês que foi para a Martinica, colônia francesa, no século 17. Ali, em meio a lembranças alegres de suas

aventuras e convivência entre os colonos, encontram-se duas freiras Ursulinas, Madre Marguerite de St. Joseph e Irmã de Clemy. Tinham um convento, duas noviças, uma plantação e dezenove escravos. São excelentes mulheres de negócio, porque, de acordo com Padre Labat, quando morrem sem consagrar suas noviças irmãs, os padres jesuítas reivindicam seus bens. A preocupação dedicada de Padre Labat em relação a tudo isso, suas próprias viagens e negócios, os modos dos plantadores, a máquina de capital, sua fascinação e desdém pelos rituais dos indígenas, seu entusiasmo por toda a questão ligada à colonização faz entender o quão ordinário e comum era tudo isso, como a brutalidade e exploração eram lugares-comuns e cotidianas, e não apenas isso, mas tudo era um tanto extraordinário. E como Deus está preso a isso até o pescoço! As irmãs brilham na narrativa do Padre Labat, embora ele só trate delas muito brevemente. Eu as imagino movendo-se, calma e fantasmaticamente, na abundante multidão nas docas em Marselha por volta de 1680, seus hábitos arrastando pelo chão, seus barris ou fardos carregados por noviças, abrindo caminho no navio chamado “Tranquilo”. Estão indo para as colônias converter selvagens. Quando as encontrei na narrativa do Padre Labat, eu as incluí para sempre. Nesse romance elas são centenárias. Elas pairam nesse texto.

Esse romance escapa daquele século. Faz o que pode para distanciar-se daquelas catástrofes - Marie Ursule, as irmãs, os cartógrafos, apressa-se por meio do furacão de 1875, quando um garoto é levado de todos os seus devires; outro vai para a primeira guerra, apenas para cavar latrinas; uma mulher tem de repente um grande desejo pelo brilho do ouro e pelas roupas finas; os descendentes daquelas antigas narrativas atravessam para o continente da América do Sul, retornam ao tempo do arquipélago, novamente desconhecidos e conhecidos uns para os outros, conscientes e inconscientes de sua história. Alguns fazem a jornada pelo mar e logram chegar à América do Norte e Europa. Aquela teoria de direções do cartógrafo do séc. XVIII é desfeita nesse romance. No fim do século XX, o que as linhas no mapa de Jeffrey conspiraram para conter falou mais alto. Com o que não contou ...foi com Marie Ursule, mas Marie Ursule tinha contado exatamente com um capricho, a decisão de deixar sua filha Bola escapar com Kamena. Confiando na sua própria teoria, a teoria de nada, ela abriu o mundo. Em cada cidade no velho mundo estão reais e quiméricos andarilhos de Marie Ursule do novo mundo.

Museus, museus não são apenas envoltórios de e para os mortos. São também amplas vistas e alamedas escuras, viagens de carro sobre as cidades e corpos embrulhados em casacos frios. Esse romance começa com a vida na praça Dam, Amsterdam, 1992.

Na verdade, esse romance começa porque perdi minha bagagem no caminho para Amsterdam. Em Glasgow, procurei e procurei minha mala até que o avião estivesse prestes a decolar. Embarquei para Schipol, com um sentimento de falta. Estou com as roupas do corpo. Estou na Europa com as roupas do corpo, mas tenho meu passaporte e meu dinheiro; e, felizmente, o livro de poesia que espero ler na noite seguinte. Meu pior pesadelo não se tornará verdade. O pesadelo de que estou lendo poesia e descubro que esqueci meu livro em casa e não posso lembrar sequer uma linha da minha poesia. Minha bagagem ... estar sem bagagem; imagino se é assim que se sentiram naquele outro século: nada familiar que pudesse sugerir que decidi viajar, que tem um destino, um lugar para aportar e abrir sua mala, tirar as coisas e sair para ver como é tudo por ali. Você será um viajante, você olhará a sua volta como um lugar a ser descoberto, decidirá o que comer, com quem conversar, onde dormir. Você esperará reconhecimento, interesse e mesmo cordialidade.

Aterrissei em Schiphol, Amsterdam, sem minha bagagem. Diferente de Jeffrey. Não tenho bússola. Nem tenho a autorização do rei para mapear a costa, ou no meu caso, uma cidade. De qualquer forma estamos em 1992. Viajar agora é diferente, apesar de o mesmo, às vezes. Eu sou uma viajante, mas não viajo para o novo mundo (como os viajantes fazem hoje) para encontrar um *shaman* que vai me levar até a minha alma; um que vou consumir com a gula de quem toma coca-cola; um *shaman* que, final e inevitavelmente, me decepcionará, uma vez que, nas grandes narrativas, o destino de tais encontros deve confirmar a falibilidade da mágica do *shaman* e a infalibilidade de minha coca-cola. Viajo para o velho mundo para ser ... bem ... para ser exótica. Não sou uma viajante, então; sou exótica na melhor das hipóteses; um incômodo fora de lugar, na pior. A mitologia já é conhecida, já estabelecida, meus diários não serão mandados para casa para fazer mapas para a ciência ou o comércio. Não posso refletir, questionar, demonizar ou assimilar os monumentos da Europa. Não tenho centro que domestica a periferia (Gikande); sequer tenho minha própria bagagem. Não conheço Amsterdam; não tenho um mapa; o zelador ex-policial, que me disse ter estado no Canadá para uma convenção, aponta em direção a um mercado de pulgas, onde devo encontrar roupas de segunda

mão para comprar. Não devo ficar acanhada; não há vestido de prisão, me esperando, apenas assombrando. Levará um dia ou dois até eu recuperar minha bagagem. Aparentemente foi parar em Nova York. Seguindo as indicações dadas pelo ex-policial, caminho em direção ao Mercado de pulgas; compro uma camisa, perambulo pelas ruas em busca de lojas de roupas. Caminho ao longo do canal perdida, perdendo a consciência, até que algo me chama a atenção: uma janela. Uma mulher está na janela; está parada perto de uma mesa; ela parece tranqüila. Falo para mim mesma: “oh, claro, há Negros aqui, Curaçao, Suriname, Companhia das Índias orientais holandesas”. Encaro-a, ela me encara de volta, até que sinto que estou sendo indelicada. Perco o pé como uma criança distraída. Quando olhei para cima, vi outra janela e outra mulher, depois outra, e outra. Lentamente, cai sobre mim uma história, “Oh!” Que falta de arte. Sim, é Amsterdam. Estou impressionada que as cenas nas janelas sejam tão familiares. Meu personagem Maya olha para mim impacientemente, aguardando que a reconheça; então, como se não tivesse mais tempo para minha inocência, vai para o trabalho. Essa janela e essa mulher, aquela que estava sentada casualmente, encontram sua passagem no romance.

Eduardo Galeano escreve em *As Palavras Andantes: 'Janela sobre a cidade'(II)*, “Estou sozinho na cidade estrangeira, e não conheço ninguém, e não entendo a língua que falam. Mas alguém brilha, de repente, no meio da multidão, como de repente brilha uma palavra perdida na página ou uma graminha qualquer na cabeleira da terra”. Na praça Dam diviso meu personagem Adrian, é noite, ele está caminhando de um lado para outro num andar impaciente. Aturdido, limpa o suor de sua face com a mão. Seu corpo é leve e encurvado, embora não haja curva. Ele aconchega o casaco em torno das orelhas, embora seja verão. Mas ele está frio, frio por causa de algo que falta em suas veias. Ele treme. Com o meu preciosismo, eu não capto o jogo de imediato. Então, ele brilha. É o filho de Kamena, o garoto perdido. Então entristeço na praça Dam. Todo o caminho até aqui, todo o caminho até aqui para ver uma face tão seca na praça Dam. Sinto vontade de sentar ali, debaixo da estátua coberta de caca de pombo, sinto vontade de sentar ali e chorar, sinto-me destituída. Sinto-me abandonada por Marie Ursule, em nome das praças da cidade, janelas e lugares públicos, onde estou em exposição e deve fazer uma exibição, como uma exótica. Sinto-me como um *maroon* como Kamena. *Maroon* em postos avançados e subúrbios e nas esquinas, em qualquer canto do mundo. Estou à deriva, despejada com Adrian e Maya no fim desse século, em qualquer cidade do

mundo, com nada de certo, a não ser a vinda de Marie Ursule. Somos todos abandonados, todos dispersos na desesperança e habilidade de Marie Ursule.

Esse romance começa por causa de nada disso. Começa porque sou escritora e gosto de imaginar coisas. Gosto da forma como a palavra pode fazer vivificar outro conjunto de palavras, e eu gosto de um gesto de um braço numa esquina, ou numa igreja, como o cheiro cálido do perfume, um andar claudicante, uma trilha de roupas, iluminando uma árvore através de uma cortina na janela, café forte, coração de alcachofra e vinho branco. O romance começa porque estou sentada em uma casa de madeira de dois andares em pleno inverno em Burnt River, tomando café, e uma aranha está imaginando como pegar as moscas que zunem na tela da janela e, por essa época, eu não tinha nenhuma outra habilidade, então comecei a escrever.

Tradução de Élide Ferreira – Doutora em Lingüística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (2003) - Professor adjunto da Universidade Estadual de Santa Cruz - – Ilhéus – Bahia- Brasil